

190

1339



Índios guaranis cultuam tradições milenares

ADRIANA FRANCIOSI/ZH



Isolados em aldeias espalhadas pelo interior do Rio Grande do Sul, vivem 800 remanescentes da tribo dos guaranis. Estes índios, que chegaram ao sul do país há cerca de 2 mil anos, cultuam ainda hoje hábitos primitivos e resistem à presença do homem branco. **Zero Hora** visitou sete das 14 reservas indígenas do Estado e durante dois dias — hoje e amanhã — revela como vive este povo. Em sua luta para manter vivos rituais e crenças milenares, muitos guaranis, por exemplo, ainda não aprenderam a se expressar em português. **Leia mais nas páginas 41 a 43**

Arredios: na reserva de Águas Brancas, em Camaquã, os índios guaranis escondem-se dos estranhos

ÍNDIOS ISOLADOS (1)

Guaranis se escondem em hábitos primitivos

Os 800 remanescentes de um dos mais atingidos povos do país são os mais isolados entre os índios do Estado

ADRIANA FRANCIOSI/ZH



Tradição: o hábito de fumar em cachimbos de barro, fabricados com mãos mágicas pelos que conhecem o segredo, é um dos mais arraigados entre os povos guaranis

Os 800 remanescentes da tribo dos guaranis no Rio Grande do Sul lutam pela sobrevivência de uma cultura milenar. Espalhadas pelo Estado, aldeias de diferentes tamanhos guardam os segredos de um dos principais grupos indígenas do Brasil. Zero Hora visitou sete das 14 áreas indígenas localizadas em território gaúcho. A série que se inicia hoje e termina amanhã mostra como os índios resistem e cultuam as tradições do povo que chegou ao Sul do país há cerca de 2 mil anos.

ÂNGELA RAVAZZOLO

Uma luta silenciosa e desarmada ocorre todos os dias sobre o mapa do Rio Grande do Sul. Escondidos nas serras da Mata Atlântica, na beira das estradas ou em terras alheias, 800 índios guaranis tentam manter viva a cultura de um dos maiores grupos indígenas do Brasil. De diferentes formas os guaranis buscam a sobrevivência. Erguem casas com técnicas milenares e espalham no mato armadilhas primitivas.

Nas orações, entoadas a deuses de nomes proibidos ao homem branco, sonham encontrar a "a terra sem males". No mundo real, têm apenas uma reserva demarcada - e ainda não homologada na Justiça - nos 282.062 quilômetros quadrados do Estado.

Rituais sagrados de batismo dividem espaço com toscos violinos de madeira na reserva de Barra do Ouro, em Maquiné, a mais isolada das áreas guaranis no Rio Grande do Sul. Técnicas ancestrais de caça pontuam o cotidiano das reservas de Pacheca, em Camaquã, e de Aguapé, em Osório. Na beira da RS-241, em São Francisco de Assis, na Fronteira Oeste do Estado, a venda de cestos coloridos garante a alimentação da aldeia de apenas 12 habitantes.

Em todos esses lugares, o português é língua estrangeira, falada e entendida por poucos. Os guaranis esquivam-se das perguntas dos homens brancos, evitam falar

sobre religião e fecham a porta de casa para visitantes indesejados. Os guaranis dominavam o território gaúcho antes da chegada dos colonizadores europeus. Hoje, compartilham o Estado com a numerosa tribo de 13 mil caingangues. Minoritário, o povo das missões jesuíticas tem pouca representatividade na demarcação de terras: os caingangues têm 38 mil hectares de áreas oficializadas no Estado. A única reserva guarani demarcada - a de Guarani Votouro, no município de São Valentim - tem 757 hectares e ainda depende da determinação do ministro da Justiça, Nélson Jobim, para transformar-se, legalmente, em terra indígena.

A Fundação Nacional do Índio (Funai) preocupa-se com a demarcação de terras guaranis no Estado desde 1993. "Antes disso, pouca coisa foi feita", reconhece Glênio Alvarez, coordenador regional da Funai em Passo Fundo. Esse atraso, de acordo com Alvarez, está relacionado ao

nomadismo característico dos *mbyá*, a etnia dominante dos guaranis no Rio Grande do Sul. O arqueólogo Francisco Noelli - autor de uma dissertação de mestrado sobre os guaranis e hoje trabalhando no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) - acredita que eles estão sujeitos a um nomadismo compulsório. "Como não têm território, são obrigados a vagar de um lugar a outro", explica o pesquisador. No Brasil, há 30 mil guaranis, divididos em três etnias: *chiripás*, *caiovás* e *mbyás*. A maioria deles, em torno de 26 mil, vive em Mato Grosso do Sul.

Enquanto os papéis descansam nas gavetas dos escritórios e outras 12 áreas guaranis do território gaúcho esperam na lista de demarcação, o cotidiano nas aldeias espalhadas pelas zonas litorânea, norte e oeste do Estado segue um ritmo próprio. Alheios à morosidade dos processos burocráticos, os guaranis cultivam com persistência costumes herdados dos ancestrais que há 2 mil anos já povoavam as bacias hidrográficas de uma região que, séculos mais tarde, viria a ser o Rio Grande do Sul.

SEGUIE▶

Nas reservas guaranis o português é uma língua estrangeira, falada e entendida por alguns poucos índios

1339 (cont.)

ÍNDIOS ISOLADOS (1)

Aldeia vive em ritmo próprio

Na mais isolada das reservas guaranis a vida segue sem pressa

A placa metálica com faixas verde e amarela pintadas avisa: *Entrada Proibida, Área Interditada*. Dentro da casa erguida com troncos e taquaras, um índio de olhos amendoados e cabelos grisalhos guarda arco e flechas para amedrontar eventuais intrusos e proteger a aldeia de visitas inoportunas. José Benitez foi designado para ser o guardião da mais isolada reserva indígena de guaranis no Rio Grande do Sul, em Barra do Ouro, no município de Maquiné, Litoral Norte do Estado. As armas de caça feitas por ele com madeira são uma das tantas provas de resistência da cultura de um dos principais grupos indígenas do país.

A 800 metros de altitude, escondidas em um dos raros recantos preservados da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul, 14 famílias tentam manter vivo o modo de vida guarani. Crianças, mulheres e homens habitam a reserva com uma área de 2,2 mil hectares. A língua, a religião, a caça e a agricultura são cultivadas com persistência.

Uma íngreme estrada de chão batido de 37 quilômetros isola os índios das calmas ruas da vila de Barra do Ouro. O caminho até o alto é desenhado por trilhas estreitas, entre pássaros e mata virgem. A área, ocupada pelos índios,

ainda depende da Justiça para transformar-se em terra demarcada.

No alto do morro, de onde se avista o mar, a aldeia segue em ritmo próprio. Não há pressa para comer. Não há pressa para caçar. Não há pressa para plantar. Não há pressa para reatuar intrusos e proteger a aldeia de visitas inoportunas. José Benitez, em tom suave e abafado, são proferidas em língua guarani. Casas erguidas com troncos de madeira, cobertas com taquaras amassadas e revestidas de barro, compõem o cenário da reserva.

Quando um estranho se aproxima da reserva, os índios de Barra do Ouro fecham a porta de casa

No mato fechado que circunda as casas da reserva de Barra do Ouro, armadilhas primitivas, feitas de troncos e gravetos, estão prontas para esmagar tatus ou coatis. Benitez, o responsável pela vigilância da aldeia, é quem espalha pela mata o *mundêu* (nome dado em guarani para a armadilha).

Ele caminha duas ou três vezes ao dia entre as árvores para conferir se alguma presa sucumbiu à emboscada. Os lo-

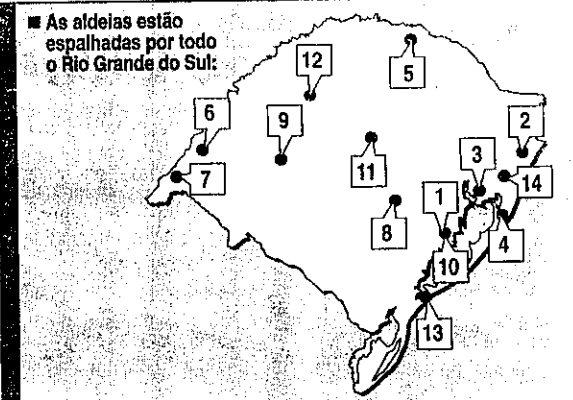
cais para colocar o *mundêu* são escolhidos por uma estratégia que ele prefere contar em poucas palavras: "Eu conheço o caminho do bicho no mato."

A espera do tatu ou de algum outro animal que seja vencido pela armadilha, sentado no chão em frente às casas, homens e mulheres fumam cachimbos de barro, moldados com mãos mágicas. São poucos os índios que recebem dos deuses o dom de confeccionar cachimbos. "Tem aqueles que tentam, mas não adianta, não acertam o calor do barro", conta o cacique Avelino Gimenez. Ele próprio recebeu seu cachimbo de um índio mais velho.

Horas passam sem que os guaranis se movam enquanto fumam debaixo das árvores. Em cada casa, dois ou três cachorros magros ajudam a anunciar ruídos alienígenas. Quando algum estranho se aproxima da aldeia, os índios abaixam os olhos e escondem-se em casa. A porta de madeira é fechada rapidamente.

Os guaranis não costumam convidar estranhos para ultrapassar os limites que eles estabeleceram e que só eles conhecem com precisão. A conversa com "homens brancos" depende da autorização do cacique. Quietos, contemplam o oceano, rezam e sonham com a "terra sem males" — o paraíso prometido pelos deuses guaranis.

ÁREAS GUARANIS NO ESTADO



RÉSERVA	MUNICÍPIO	ÁREA
1 Águas Brancas	Camaquã	221,74 ha
2 Barra do Ouro	Maquiné	2,2 mil ha
3 Cantagalo	Viamão	152 ha
4 Capivari	Palmares do Sul	32,81 ha
5 Guarani Votouro	São Valentim	757 ha
6 Ibicuí	Itaqui	Não identificada
7 Imbaã	Uruguaiana	Não identificada
8 Irapuá	Cachoeira do Sul	12 ha
9 Jaguarzinho	São Francisco de Assis	Não identificada
10 Pacheca	Camaquã	1.780 ha
11 Salto do Jacuí	Salto do Jacuí	238 ha
12 São Miguel	São Miguel	Não identificada
13 Taim	Rio Grande	Não identificada
14 Varzinha	Osório	495,52 ha

Fonte: Funai
ADRIANA FRANCIOSI/ZH



O cacique que toca violino

Os dedos grossos do cacique Avelino Gimenez, com unhas cheias de terra preta, manejam sem pressa o delicado violino de madeira (foto). O silêncio característico da aldeia é então quebrado por um som suave, quase hipnotizante, que brota das três cordas do ravé. O cacique aprendeu o ofício sagrado de encantar os índios para a dança e para a reza "olhando os outros", como ele conta.

Antes de tirar a melodia das cordas trazidas pelos colonizadores europeus e incorporado à cultura guarani, Avelino Gimenez afina com calma o instrumento presenteado por um outro índio, em São Paulo. Quando começa a tocar, os filhos e a mulher se aglomeram em volta, atentos, sem pronunciar palavra. O ritmo mais alegre, ensina o chefe, é reservado para as brincadeiras infantis e para as danças. A canção solene, continua, é repetida nos momentos de reza.

ÍNDIOS ISOLADOS (1)

Mitos e mistérios envolvem os rituais religiosos

Entre todas as casas das aldeias, uma delas é especial. Batismos, funerais e festas são celebradas na casa de reza, a *opy* em língua guarani. Os rituais de morte e nascimento, herança dos ancestrais que habitavam o território gaúcho há milhares de anos, são proibidos aos olhares dos brancos e preservados pelos índios como tesouros intocáveis. Quando lhe perguntam sobre as celebrações religiosas que ainda fazem parte do cotidiano das aldeias, o cacique Marcolino Silva, da reserva de Varzinha, em Osório, sorri, abaixa a cabeça e silencia. O mistério é sinônimo de proteção para os *mbyás*.

Mesmo em Guarani Votouro, em São Valentim, no norte do Estado – a única aldeia onde as crianças freqüentam regularmente a escola tradicional – o cacique João Antônio da Silva dá risada quando algum “branco” ousa falar sobre religião. Apesar de ser um dos poucos líderes que aceita e estimula o ensino do português, ele é firme e seco ao falar do assunto. “Não adianta, o branco não entende”, resume. “Nossa religião é nossa.”

Desvendar os mistérios da pensamento mitológico dessas aldeias é complicado até mesmo para os pesquisadores. “Eles quase não falam sobre isso”, diz o arqueólogo Francisco Noelli. “Esse comportamento é uma indicação de que a cultura deles ainda está viva.” O arqueólogo José Otávio de Souza, professor-substituto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, explica que os *mbyás* interpretam o mundo pela religião. “Tudo tem uma intenção divina e isso é uma forma de resistir”, afirma.

A índia Laurinda Borges, a mais velha de Guarani Votouro, é o retrato da resistência e do mistério de que falam os estudiosos. Ela sabe o exato momento de chamar a tribo para a reza. Homens, mulheres e crianças também sabem quando e como serão chamados. “Não tem hora marcada”, descreve a índia. Aos brancos, não é permitido visitar nem fotografar a casa de reza. As paredes revestidas de barro e o telhado coberto de capim da *opy* protegem o maior segredo da cultura *mbyá*.



Segredos: nas reservas guaranis, os índios protegem as celebrações religiosas dos olhares curiosos do homem branco



Exceção: Catarina é a única pessoa de sua aldeia que recebe estranhos dentro de casa

A serenidade da velha senhora

A mais velha índia da aldeia de Barra do Ouro é a primeira – e a única – a escapar da tradição arisca e convidar visitantes brancos para conhecer sua casa. Sentada em frente ao fogo, no chão, ela estende um cobertor sobre a terra preta e oferece, com um sorriso desdentado, o chimarrão. Sem entender ou falar português, dona de olhos graúdos e corpo franzino, Catarina Benitez já perdeu a conta da idade. A pele enrugada e o longo cabelo grisalho indicam 70 anos ou mais.

A casa de Catarina é escura. Suas roupas – saias e blusas de algodão – ficam penduradas nas paredes erguidas com troncos e cobertas de barro. Dividindo espaço com panos e sacolas, utensílios de cozinha presos pelas alças completam o cenário. Não há móveis, muito menos eletrodomésticos. Sobre as chamas, na terra, uma chaleira preta garante a água quente

para o mate. O calor do fogo de chão escapa pelas taquaras amassadas, colocadas no teto para cumprir a dupla função de isolar o interior e, ao mesmo tempo, permitir a saída da fumaça.

Catarina mora na aldeia há mais de dois anos junto com dois filhos e muitos netos. Depois de passar a maior parte de sua vida perambulando pelo Rio Grande do Sul, como fazem os andarilhos de sua tribo, decidiu parar em Barra do Ouro. Quer ficar perto da família até morrer. Os netos respondem à receptividade da vó e entram em sua casa a todo momento, sem cerimônias, para devorar o que sobra de *rorá* na panela, prato tradicional preparado com farinha de milho, sal e óleo. Catarina ri da voracidade dos pequenos e continua sorvendo o mate, despreocupadamente, com a serenidade habitual que determina o ritmo da aldeia.

Amanhã: a única reserva guarani demarcada e os índios andarilhos